

Vida rural de colonos de Erechim (RS), Brasil, em torno da década de 1960*Rural life of settlers from Erechim (RS), Brazil, around in the 1960s*Arno Rieder¹**Resumo**

O homem, para perpetuar a humanidade, revisa atos e posturas, para melhorar as condições atuais. Corrige erros e enaltece acertos. Interações passadas do homem no ambiente iluminam rumos à práticas mais sustentáveis. Descreve-se o contexto vivido por colonos e suas ações, na comunidade Rio Negro, Erechim (RS), Brasil, em torno de 1960. Registra-se esta história, extraída da memória vivenciada. Os registros são ricos e pretendem provocar reflexões comparativas das situações passado-presente com relação a sustentabilidade e do potencial de impacto sócio-econômico e ambiental. Levam a concluir que a agricultura praticada por aqueles colonos, naquela época, pode nos propiciar, além dos registros históricos, proveitosos ensinamentos, inclusive agroecológicos.

Palavras-chave: História. Agricultura. Sustentabilidade;

Abstract

Man, to perpetuate humanity, reviews acts and postures, to improve current conditions. Corrects errors and enhances correctness. Past human interactions in the environment illuminate more sustainable practices. We describe the context lived by settlers and their actions, in Rio Negro community, Erechim (RS), Brazil, around 1960. This history is recorded, extracted from the memory experienced. The records are rich and intend to provoke comparative reflections of the past-present situations regarding sustainability and the potential of socio-economic and environmental impact. They conclude that the agriculture practiced by those colonists, at that time, can provide us with, besides historical records, useful lessons, including agroecological ones.

Keywords: History. Agriculture. Sustainability

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Cárceres/MT, Brasil.
Professor, Pesquisador e Extensionista.
e-mail: riederarno@gmail.com

Introdução

O desenvolvimento sustentável, competitivo e integrado no mercado mundial é necessário. Visa buscar a equidade social, melhor distribuição de renda e preservar o ambiente (COSTA & BEZZI, 2002). O meio rural tem desafios próprios. As experiências são fontes para alimentar concepções agroecológicas a melhor interação homem-ambiente.

O saber tradicional ilumina a reconstrução e aplicação de bases agroecológicas (ASSIS & ROMEIRO, 2005). A agroecologia se nutre de vários saberes (RUSZCZYK, 2007). O impacto produzido pela agricultura de décadas passadas no sul do Brasil é discutido por Soares (2000); na década de 50 no extremo-oeste do Paraná ainda era manual, rudimentar e sem preocupação com a conservação e manejo adequado do solo. Já na década seguinte, ocorria uma transição da agricultura tradicional e extrativista para outra racional, que objetivava o equilíbrio entre produção e conservação das áreas agriculturáveis. A vida e a agricultura colonial de 40-50 anos passados pode ter sido ambientalmente menos impactante que a atual, em algumas localidades do Rio Grande do Sul (RS). Os princípios agroecológicos de Almeida (2002) baseiam-se, em parte, em modelos de agricultura montanhes do RS. Outro estudo de Carneiro (2001) envolvendo colonos filhos de italianos em Nova Pádua (RS) mostra que até a década de 60 as famílias viviam dos frutos de seu trabalho, ampliando o seu patrimônio e inserindo os filhos homens nestas colônias. Mas, daquela década em diante se estabeleceu um processo de migração rural-urbano. O êxodo foi acelerado pela modernização, conforme Picolotto (2006). Segundo Alves & Silveira (s/d) o aumento do êxodo rural é consequente do capitalista no campo, por exemplo, através do processo de integração indústria-agricultura, enfraquecendo a autonomia da pequena produção camponesa, valorizando mais manufaturados e produtos industrializados, gerando mais empregos nos centros urbanos. Antes as famílias mantinham certa distância da dependência do meio urbano e do consumismo. Produziam a maior parte dos recursos à sua sustentação no próprio meio e com a força de seu trabalho. Mas Norder (2004) cita que mesmo os camponeses mais tradicionais estabeleciam certas relações mercantis a fim de adquirirem o que necessitavam. Daí a razão de precisar gerar renda. Mas os colonos constituíam comunidades mais unidas e solidárias que as atuais. As relações nas comunidades decorrem do interconhecimento e das formas de reciprocidade estabelecidas (RADOMSKY, 2006). Mas havia pouco das facilidades atuais. Entretanto, o resgate da memória das vivências, de modelos e estratégias de vida, de interação ambiental e de produção, adotados pelos colonos no passado, podem-nos trazer ricos relatos históricos, induzir reflexões indicadoras de alternativas para resolver questões de sustentabilidade. Woortmann (1990 apud MENASCHE & SCHMITZ, s/d), entende que “a tradição é o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro”. Isto é tanto mais possível quanto melhor descrito forem os fatos e seus contextos. No presente trabalho se está descrevendo, analisando e promovendo reflexões sobre a vida de colonos de Rio Negro, Erechim (RS) e o modelo de agricultura colonial praticada há meio século, visando registro histórico, gerar subsídios à reflexão para implementar ações mais sustentáveis, do homem no ambiente.

Material e método

Trata-se de um estudo descritivo, cujos princípios metodológicos compõem-se da “observação participante” e da “participação observante” (MINAYO, 1994), regressiva e autêntica (adaptado de MINAYO, 1994), resgatando quatro décadas de vivência (pesquisador-ator do cenário, partícipe dos fatos), memórias, reflexões e interpretações.

Descreve-se o modelo de vida e agricultura colonial havido em Rio Negro (Nas Linhas ou Trechos: Povoado Coan, São Brás ou Linha 3, Linha 4-Rio Turvo, Santa Teresa) município de Erechim-RS, nas décadas de 1950(meados) e 1960.

O cenário localiza-se entre 13 e 21 km da cidade de Erechim(RS), com acesso pela rodovia que liga Erechim-Aratiba até alcançar o bifurcamento do Povoado Coan, neste adentra-se à esquerda, seguindo pela estrada municipal, em direção as comunidades envolvidas (1ª bifurcação à esquerda - Linha 3 e à direita -Linha 4/rio Turvo, e na próxima bifurcação nesta, a direta segue para Santa Teresa, enquanto a esquerda continua a Linha do rio Turvo, que se prolonga em direção a Cidade de Barão do Cotegipe). As linhas constituem-se de um conjunto de colônias, em mesma direção e acessíveis por uma estrada própria.

Enfatizam-se aspectos relevantes da cultura e hábitos locais, relações sociais e comerciais, interações homem-ambiente; modelos e sistemas de cultivos e criações adotados. Efetuam-se reflexões sobre aquele tipo de vida e agricultura colonial praticada, e tenta-se extrair ensinamentos para reorientar práticas ecológica e socialmente mais sustentáveis.

Resultados e discussão

A colônia de Erechim, criada em 1908, foi concebida como um modelo positivista de colonização público-privado, mediado pelo Estado do Rio Grande do Sul(RS); contemplou prioritariamente novos sujeitos (principalmente- imigrantes e descendentes), visando a modernização e estabelecendo a nova configuração agrária no Norte do Rio Grande do Sul, conforme enfatizado em Dos Santos Caron e Tedesco (2012).

Linhas, secções colônias e povoados foram se definindo. A vida nas colônias da Bacia do Rio Negro (Erechim, RS) e adjacências, é descrita contemplando a segunda metade da década de 1950 e seguinte.

Os colonos deste lugar, para seu sustento, adotavam modelos de interação familiar, de vizinhança, de homem-ambiente e de relação rural-urbano, provavelmente mais sustentável que as atuais, conforme sugerem os relatos seguintes.

Características da região

Na ocasião da implantação da colônia Erechim, a região era predominantemente de terras férteis e de matas a serem exploradas, conforme citam Dos Santos Caron e Tedesco (2012).

As linhas de colônias, estão separadas por conjunto de montanhas altas (700-1000m), de ladeiras íngremes e vales drenados pelos rios Negro e Turvo, e riacho que vem da Linha 3 ou São Brás. A partir dos vales, seguindo as ladeiras e indo até o pico das montanhas, às vezes além, estão alocadas as colônias estreitas e compridas (25

ha). O relevo é acidentado, pedregoso; solos com bons teores de matéria orgânica, argilosos e ácidos, originários de rochas basálticas. O clima apresenta inverno frio a muito frio, com geadas fortes e, em alguns anos com ocorrência de neve. O alto das montanhas, no inverno apresenta a maior parte dos dias ventosos (médios a fortes, e constantes). No verão as temperaturas diurnas se situam mais entre 18-24 °C. O clima local é similar ao da cidade de Erechim. Estas características estão em consonância as descritas por Piran (2015)

Origem dos colonos

Antes da colonização de Erechim, havia populações nativas, praticantes do extrativismo, da caça e da coleta; dependentes, para se sustentarem, de grandes áreas florestais. A política Estadual de colonização, positivista, foi reduzindo esse espaço territorial a favor das novas populações imigrantes, para ser modernizada, conforme mencionam Dos Santos Caron e Tedesco (2012).

Com a colonização ali se instalaram imigrantes europeus e/ou descendentes. Destes, predominavam os de origem italiana, alguns germânicos, poloneses e, raro de outro país. Praticavam costumes e hábitos culturais mais de origem europeia; falavam e ensinavam aos seus filhos a língua de origem. Erechim está listada como uma das colônias italianas no Rio Grande do Sul que se formaram a partir de 1870 (Silveira, 2003).

Em 1908 à margem e arredores da estação ferroviária formou-se o povoado inicial, chamado Paiol Grande (constituído de 36 pioneiros, imigrantes vindos pela estrada de ferro, das colônias velhas – Caxias do Sul), conforme citado em Prigol (2006). Formou-se, enquanto o município foi criado em 30 de abril de 1918 (Schmidt, 2009).

Educação Escolar

A maioria dos imigrantes tinham boa escolaridade, mas os seus descendentes - já brasileiros, de baixa ou nenhuma escolaridade oficial. Oliveira & Simões (2004) constataram que na região sul, parcela significativa de migrantes recentes (1991-2000) também possuía bom nível de escolaridade.

Outrora (> 50 anos), a falta de escolas oficiais acessíveis, mas a presença de “bem escolarizados” entre os imigrantes, permitia a alfabetização doméstica da 1ª descendência. Reconhecendo, as limitações impostas pela baixa escolarização, estes estimulavam seus filhos a frequentar a escola formal, então já mais acessível. O Estado do Rio Grande do Sul, nesta época sob o governo de Leonel de Moura Brizola, priorizou a educação, propiciando condições necessárias. Em geral, tinha-se uma escola municipal por linha, e quase sempre também uma igreja e um cemitério. Era um local comunitário, de convergência para fins festivos, esportivos, escolares, religiosos. A distância, por estrada, entre residências de colonos nestas linhas situava-se entorno de 500 m, e entre escolas de 4-8 km. Isto fazia que alguns alunos, moradores mais distantes, percorressem, a pé, até 8 km por dia de aula. A situação para estes alunos se agravava em dias de chuva e no inverno. Naquele período, vários alunos não tinham o que calçar nos pés e aí se machucavam facilmente (frieiras, cortes, espinhados); pois caminhavam em estradas poeirentas (verão) ou lamacentas, pedregosas e sob gelo de geada nas manhãs de inverno. Na ocasião não havia merenda escolar oficial, mas levavam a sua de casa, baseada em produtos disponíveis

e de fácil preparo e conservação (assados em forno como: batata-doce, pinhão, maçã, marmelo; frutos in natura: laranja, bergamota, caqui, pera; pedaços de pão, polenta (às vezes com queijo e salame); e mais raramente líquidos- como leite com ou sem café). Naquele período a escola Municipal Raimundo Corrêa (RC) na Igreja São Brás da Linha 3, oferecia os seguintes níveis escolares: cartilha, 1º, 2º, 3º e 4º ano do primário. A partir do ano de 2007 parou de funcionar o ensino fundamental nesta escola (Rio Grande do Sul, 2007). Numa outra localidade na região de Erechim, Koczieski (2007) relata que níveis baixos de escolaridade, aliado a carência de área agricultável para a instalação de toda a prole induzem processos de venda das propriedades, e migração para as cidades.

Na Escola RC-Linha 3, na época, as professoras, a primeira (Izaíra) era da própria comunidade e a seguinte (Inês) foi morar nesta. Conviviam com a realidade local. Para impor a disciplina e ordem escolar, nesse período, utilizavam “varadas”, “reguadas”, “puxões de orelha”, “deixar de joelho sobre pedrinhas ou milho em frente ao quadro”, “de ficar de castigo no recreio”, “de escrever n vezes determinadas frases”, entre outros corretivos. Havia um presidente na comunidade para os assuntos escolares que, às vezes era acionado. As aulas eram mais matutinas. Os alunos já de retorno a suas casas, depois do almoço, faziam as tarefas escolares ou então à noite após a janta (sob luz de lampião-querozene), encerrando o dia para então ir dormir. Não havia luz elétrica, salvo no povoado Coan desta região. Os alunos, excluído o tempo para fazer as tarefas, também tinham compromissos com as atividades da família. Em geral, acompanhavam o trabalho de roça e de cuidar da criação. Os que moravam do outro lado dos rios locais (Negro, Turvo.) e não tinham ponte para as travessias, em época de cheias, estavam impedidas de ir à escola.

Quando as crianças não conseguiam passar sozinhas a pé, o pai ou mãe os carregavam no lombo ou a cavalo, quando havia esta opção. No inverno, os alunos, eram seguidos surpreendidos por chuvas geladas nas caminhadas da escola para casa. Depois de trocarem a roupa, algumas mães davam café quente misturado com pinga (cachaça) para tomarem. Isto dava a sensação de esquentar o corpo.

Distribuição dos afazeres na família

Os casais tinham prole numerosa, o que garantia boa força braçal familiar para gerar mais renda e melhorar de qualidade de vida. As famílias buscavam autossuficiência nas coisas mais básicas à sua sustentação. A dona de casa era heroína. Fazia os afazeres domésticos (alimentação, estética, paisagismo e jardinagem, horta, aspectos sanitários, confecção e manutenção de roupas), a criação e educação de sua prole, cuidava do marido e, ajudava na roça e das criações. Brumer (2004) menciona que as mulheres conseguem fazer melhor e mais que os homens, principalmente em situações desgastantes e de sobrecarga, por terem algumas qualidades que os homens não têm. Entre as quais: toleram mais o intenso, a repetitividade, o tédio, o desconforto; são mais dóceis, flexíveis, versáteis, perceptivas, atentas e de múltipla ação e; as pequenas mãos, mas com dedos ágeis suplantam a dos homens em algumas tarefas. Culturalmente, a sociedade lhes conserva papéis diferenciados.

Na comunidade de Rio Negro, o marido tinha como responsabilidade principal cuidar da roça e das criações. Em algumas coisas ajudava a esposa nos trabalhos domésticos. Era responsável por obras básicas caseiras (poços, privadas, puxados; móveis; das criações – galinheiros, chiqueiros, cercados, estábulos; caixas para criação de abelhas), de instrumentos e equipamentos de trabalho (ferramentas,

carinhos, carroças, apetrechos, arados, arapucas, confecção e manutenção de utensílios) manejo animal (cuidados sanitários, alimentares, reprodutivos) e adestramento de animais de trabalho (boi de canga para puxar arado, carroça, arrastar tora; equino ou muar para cavalgar, carregar, puxar e arrastar coisas). Aos domingos e feriados carneavam uma galinha para ter sopa e carne da semana. O domingo era de descanso, mas também para encontro com vizinhanças; as vezes para ir à igreja e a eventos comunitários.

As crianças

Os filho(a)s até os 3 a 5 anos ficavam mais aos cuidados da mãe. Depois a prole começava se envolver com as atividades da mãe (mais as gurias) ou do pai (mais os guris). Aos 5 anos começavam ter atribuições de afazeres domésticos e/ou da roça e criação. No começo eram atraídos pela curiosidade operacional, uma brincadeira (“brincar de gente grande”). A brincadeira passava gradativamente uma função responsável. E o tempo para brincar da criança escasseava, limitando-se aos domingos e feriados e, nestes dias crianças vizinhas também se visitavam para brincar juntas (de esconder; escorregar - em pedras, tocos, palhadas de trigo; rolar; subir em árvores; atirar pedras e paus; inventar brinquedos e brincadeiras; no verão também banhar-se no rio). Ao entorno de 8 anos as brincadeiras começavam mudar (os meninos: jogar bola de pano - feita de meia; andanças pelo mato, rio, roça e caçar com bodoque, pescar; catar frutas, pinhão; procurar abelhas sem ferrão para tirar mel; com cachorro, caçar lagartos e ter carne na comida, na semana. As meninas brincavam: com bonecas; de vendedora e compradora de coisas, de conversar, entre outras coisas. Na tarde de domingo, ao por do sol, a mãe chamava os filhos para findar as brincadeiras e virem para casa. Reiniciava-se um ritual cíclico semanal. Em uma colonização de suíços em São Paulo, no final do século IX e início de XX, seus integrantes familiares se envolviam para dar conta dos afazeres domésticos, da produção e criação, inclusive as crianças, por exemplo carpindo na roça (HELVETIA, 2002).

Domínios e habilidades requeridas

Heranças culturais induziam a busca da autossuficiência das famílias rurais. O casal era preparado para se auto-sustentar. A mulher, além de esposa e criadora-educadora da prole, era treinada para dominar os afazeres domésticos, costurar, industrializar artesanalmente alimentos (conservas, doces, queijos, passas), criar animais (principalmente pequenos), cultivar plantas e processar a produção. O homem, além de cultivar e criar, tinha que ser carpinteiro, pintor, açougueiro, pedreiro, ferreiro, consertador, autor de instrumentos. Entre os colonos havia os com habilidades especializadas, demandadas ocasionalmente, tal como castrador de porco, enxertador de frutíferas, operador de máquinas como trilhadeira, serraria, construtor de engenho de cana, construtor de casas e açudes, confeccionador de móveis, ferreiro. Trilhadeiras deslocadas por juntas de boi, por exemplo, havia uma a cada 2 ou 3 linhas, prestando serviço a em forma de mutirão. Moinho para farinha de trigo (para o pão e afins) e para farinha de milho (polenta e afins) já se situava em distâncias maiores (10-15 km), prestando serviços a várias Linhas de colonos. Engenhos de cana e alambiques em algumas Linhas havia, mas em outras não. O dono também prestava serviço às demandas locais. O caldo de cana fornecia açúcar

moscavo e rapadura.

Investimento, custeio e assistência às atividades produtivas

As atividades dos colonos eram executadas com recursos próprios. A criação da cooperativa Cotrel, em 1957 (COTREL, 2008) propiciou fomento e financiamento externo e, depois, produção integrada. A extensão rural e a assistência técnica oficial, até meados da década de 1960, não tinham chegado nestas colônias. Mas daí em diante este serviço se apresentou através de clubes 4S (ASCAR). Envolvia os jovens colonos para introduzir inovações tecnológicas e manejos mais produtivos. Inicialmente os pais destes jovens desconfiavam e resistiam às mudanças. Hoje se sabe que sutil e inocentemente aquela assistência técnica e extensão rural estavam também a serviço de interesses internacionais capitalistas (Revolução Verde) e que produziu danos (BORSATO, 2007), como aos sistemas coloniais mais harmônicos e melhor interados ambientalmente. Isto se deu através da erosão de recursos genéticos, de saberes e de práticas locais. Ocorreram perdas de variedades de milho de paiol, substituídos por híbridos. Esta fase de “modernização” levou a implosão de valores coloniais locais e emergiu a dependência urbana e consumista.

Dependência urbana

Da cidade se comprava aquilo que não se obtinha nas colônias: poucos componentes alimentares (sal, açúcar branco); tecido para confecção de roupas; calçado; cadernos, livros, lápis, tintas, caneta; ferramentas e utensílios (machado, foice, enxada, serrote, martelo, pregos, arames, painéis, talheres, cordas); máquinas, aparelhos e instrumentos (de costura, de macarrão, moedor de carne, lanterna, rádio, lampião a querosene); material de construção (areia, cimento, cal, canos). Estas compras eram efetuadas de duas formas: a) em dinheiro; b) troca por produtos da colônia (cereais, frutas, madeira, ovos).

As idas para a cidade eram, em média, bimestrais (para registros em cartório, procura de dentista, farmácia, raro médico; venda e compras de produtos) feitas mais pelo pai e se davam através de ônibus regular que fazia o trecho entre 2 cidades (Erechim-Aratiba-Erechim), sempre super-lotado e carregava de tudo, inclusive com bagageiro em cima. Havia apenas 2 ou 3 veículos motorizados próprios dentro de 4 Linhas Coloniais. As vezes as viagens também se davam a pé (15-20 km), de cavalo e de carona. Nesta época não havia bicicleta na comunidade. A topografia local é muito acidentada e com estradas mal conservadas.

Dependência comunitária e da classe colonial

As cooperativas e os sindicatos estavam se estruturando. Os interesses coletivos (escolas, conservação de estradas, comercialização de produtos) se resolviam mais dentro da própria comunidade local (Linhas). A recuperação de estradas se dava através de mutirões, uma vez por ano. Os colonos, com a sua força braçal e animal (carro de boi – transporte de pedras, pedregulhos, terra), ajudavam manter trechos mais próximos de sua moradia. A operação de máquinas era feita por funcionários municipais.

Por ocasião de trilhar os cereais (trigo, soja), o serviço era realizado em mutirão; exigia várias pessoas para dar conta da trilhagem. As ajudas de vizinhos nos

mutirões eram trocadas em serviço, e a trilhagem paga em dinheiro por saca.

Para serviços especializados e ocasionais havia alguém na comunidade ou em alguma outra vizinha que fazia o trabalho demandado, tal como: perfurar poços; construir açudes, casas, engenhos; serrar madeiras; castrar; enxertar; serviço de ferreiro, moagem.

Duas famílias na região que tinham veículo motorizado, em situações emergenciais, prestavam serviço de socorro.

Por certo período, no povoado Coan, havia uma serraria movida por roda de água que gerava energia elétrica a moradores próximos. Foi instalado um moinho para farinha de milho e limpeza de arroz, movido por roda d'água, canalizada a partir de um açude, na encruzilhada da Linha 3-Linha 4. No final da década de 1960, a serraria e o moinho foram desativados. Com isto os colonos ficaram dependentes de outras localidades ou da cidade.

Atividades geradoras de renda financeira

As atividades geradoras de excedentes para venda à obtenção de dinheiro nestas colônias eram mais a: criação e engorda de porcos, vendidos a frigoríficos (2) na cidade e, cujo transporte destes (caminhão com partida à manivela) era intermediado por um comerciante que atendia estas Linhas; criação de galinha caipira, em que parte dos ovos produzidos destinava-se à venda; cultivo de trigo, vendido a moinhos e, mais tarde, a uma cooperativa; cultivo de frutíferas, como videiras, cujos colonos vendiam considerável parte da produção da uva para fábricas de vinho na cidade. Outros produtos da múltipla atividade dos colonos, ocasionalmente eram também vendidos, tal como: a) frutas e derivados (doces desidratados): maçã, pera, marmelo, pêsego, ameixa, laranja, limão, tangerina, figo, abacate, melão, melancia, pinhão; b) cereais: feijão, milho, cevada, centeio; c) tubérculos e raízes: mandioca, batata-inglesa, batata-doce; c) hortaliças; d) Madeiras (lenha, peças, toras, postes); e) derivados de criações (mel, cera, pelego, lã, penas, salame, queijo); f) pedras para construção e calçamento (alguns geravam recursos, quebrando e esquartejando pedras por um certo período, vendendo-as para clientes da cidade).

A vegetação natural e substituta

Esta região tinha densa ocorrência natural de pinheiro-do-brasil [*Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Ktz.]. Havia outras espécies arbóreas naturais de valor madeireiro, tais como: Imbuia [*Ocotea porosa* (Ness) L. Barroso], canela [*Ocotea puberula* (Reich.) Ness], gabriúva, guajuvira [*Patagonula americana* L.], cedro, angico, tarumã. Os plantios mais comuns eram de pinheiros, mas também de espécies exóticas como plátano, e mais no final da década de 1960, a bracatinga [*Mimosa scabrella* (Bentham)], pinus [*Pinus* spp] e eucaliptos [*Eucalyptus* spp]. Também se plantava vimes servindo para confecção de cestas, balaios, atar ramos das videiras, ao poda-las. Do pinheiro catava-se o pinhão, servindo de alimento (torrado, cozinhado), a resina para preparar verniz caseiro, a grimpá para acender o fogo (do fogão, forno). A madeira mais usada (tábuas) nas construções era de pinheiro-brasileiro. De toras de pinheiro, os próprios colonos tiravam lascas para cercar (horta, galinheiro) e tabuinha para coberturas (de casa, galpão, chiqueiro). De pinheiros que haviam apodrecidos, remanesciam nós (nó-de-pinho); serviam para produzir artesanatos

(cinzeiros, cabo de facas), carvão, usado em aquecimento (fornos, lareiras), fundições, churrasqueiras.

As colônias tinham em torno de 25 ha. Famílias numerosas logo alcançavam o limite de área agricultável, pois precisavam de talhões para potreiro, frutíferas, arredores de casa, dependências das criações; para lavouras e pousios e, reserva de floresta natural. As limitações à expansão, com excedente de força do trabalho familiar induzia pressão exploratória, além do desejável, levando o êxodo rural e a migração para outras regiões do Brasil, confirmado por outros autores (KOCZICESKI, 2007).

Cultivos e criações

Os colonos desenvolviam a agricultura familiar. Segundo Schneider (1999b, apud PICOLOTTO, 2006) “sistemas agrícolas coloniais”. Plantavam e criavam o que precisavam à sua manutenção, e sobras serviam para vender e obter dinheiro. Acreditavam que a cada ano construiriam dias melhores com base na vontade, saúde e recursos que dispunham.

Com o dinheiro das vendas pagavam serviços (transporte, impostos e taxas, odontológicos) e compravam coisas à sua sustentação.

As plantações eram de policultivos consorciados (milho-soja; milho-feijão; milho-abóbora; frutíferas-) ou não (trigo, milho, soja), em faixas (arroz, milho, soja), em sucessão (trigo-milho e/ou soja; milho-feijão), em talhões adjacentes (milho-soja; milho-arroz, aveia-soja, aveia-napier, aveia-horta, milho-mandioca; soja-mandioca; batata doce-mandioca; trigo-centeio; trigo-aveia; cevada-centeio, pareiral-horta, pareiral-outras frutíferas) em cordões de retenção (cana-de-açúcar para forragem ou para caldo-de-cana). Pomares, em geral, na volta da casa, tinha: maçãs, nêspersas, peras, nogueiras, castanheiras, romãs, ameixas, caquis, figos, pêssegos e; em locais de menor risco de geadas extemporâneas, havia frutíferas como abacates, cítricas, bananas, ananás, ameixa de inverno. Havia cultivo de batatinha, batata-salsa, forrageiras para corte e para fenação (napier, soja forrageira, alfafa, milho-forragem, aveia, azevém, sorgo-açucareiro). A horta tinha plantas medicinais (Menta, hortelã, losna), plantas para sobremesa (rabarba, amora, framboesa), hortaliças-folhagens, frutos, caules e raízes (couve, repolho, nabo, berinjela, rabanete, cenoura, beterraba, alface, almeirão) plantas condimentares (pimentão, pimenta, alho, cebola, cebolinha, salsa).

As maiores lavouras eram de trigo (inverno), milho e, depois (anos 60) a soja (de verão). Do trigo se obtinha a farinha para produzir pão, bolo, massas; o milho para alimentar a criação e obter farinha para polenta (hábito local); a soja em forragem-verde para alimentar a criação (porcos) e os grãos para vender. O milho produzido atendia a demanda familiar; do trigo, as vezes, sobrava para comercializar.

Lavouras menores propiciavam diversidade alimentar para a família e suplementava renda com a venda de eventuais excedentes. Além de arroz, havia feijão, batatinha, mandioca, batata-doce, frutíferas, hortaliças, forrageiras.

A principal criação era de suínos, aves-galinhas, bovino leiteiro e de trabalho (de canga), ovinos, equinos, muares. Os porcos, na época ainda eram tratados como porcos: em meio a sujeira. Fuçavam e reviravam tudo em piquetes; estes eram circundados por muralha de pedras. Recebiam alimentação suplementar (lavagens de comida, soro de coalhada e queijo, milho, mandioca, batata-doce, abóbora, soja

forageira-massa verde, alfafa, azevém, aveia, maços de inços da limpeza de roças-caruru, serralha). Os de engorda, depois de castrados, iam para um chiqueiro fechado e de espaço restrito, mas coberto, em que recebiam uma alimentação reforçada de milho para atingirem o peso ideal. Depois de estarem gordos seriam carneados para o consumo próprio (banha, torresmo, toucinhos, salames, defumados, carnes) e o excedente era vendido a frigoríficos. As galinhas eram criadas soltas de dia no pátio, mas fechadas em galinheiros à noite, para protegê-las das intempéries e de raposas. Ninhos para postura eram pendurados em beira de paredes, protegendo-as de predadores e facilitando a coleta de ovos. Alimentavam-se do que achavam no pátio, mas recebiam alimentação suplementar de milho debulhado. Os frangos eram carneados para o consumo próprio, as galinhas para produzir ovos (consumo próprio e venda) e a pena (para travesseiros e cobertores). Para criar bovinos leiteiros e de trabalho tinha que ter estábulo e um potreiro (gramado forrageiro cercado), que também servia para criar ovelhas e manter animais de monta e de serviço – equino ou muar. Os terneiro(a)s eram mantidas amarradas numa corda longa durante o dia, em separado da mãe para leiteação em horas certas. Só depois de desmamados iam para o potreiro com os demais.

Na estrebaria os animais lactantes, os de monta, de canga, em dias de chuva, nos dias frios, recebiam alimentação suplementar de manhã e à noite (massa verde – aveia, azevem, pé de milho verde picado, palha de milho, espigas pequenas, feno de ponta de milho verde, de alfafa, batata doce rama ou raiz, mandioca, abóbora, cana-de-açúcar picada). As vacas garantiam o leite para a família e, sobras iam para coalhada e fabrico de queijo. Em dias normais recebiam alimentação suplementar jogado no potreiro. Colonos tinha que ter uma junta de boi, de própria criação e adestramento, para puxar carroça e arado e arrastar coisas (pedras, troncos). Animais de monta e de tração eram usados para puxar equipamentos, efetuar transporte dentro da propriedade, viagens externas. A criação de ovinos visava ter a carne para misturá-la na ocasião de carnear porco, compondo mistura mais apropriada para a fabricação de salame colonial típico. O carneiro abatido fornecia pelego, o qual era curtido pelos próprios colonos. Os ovinos tosados forneciam a lã. O esterco produzindo por todos estes animais era juntado num monte para curtir e, depois adubar a horta, frutíferas e recuperar áreas degradadas. No início do século XI, segundo Binchi (2003) as atividades econômicas principais desenvolvidas na comunidade do povoado Coan (40 famílias) são: criação de frangos destinados à Cotrel, comercialização de leite, plantações de pêssego, figo e melão.

Os sistemas de cultivo e sua sustentabilidade

Os sistemas de cultivos utilizados nestas colônias sugerem estar mais aproximados do desejável (agricultura de baixo impacto) que os sistemas atuais.

As aberturas das áreas para lavouras eram feitas a machado, foice e serrote traçador. As derrubadas ficavam até secarem folhas e galhos. Faziam aceiros e queimadas controladas. Na época não havia outro meio disponível para abertura de áreas ao cultivo. No primeiro ano plantava-se no queimado. Em área mal queimada, antes dos plantios fazia-se encoivramento. Os primeiros plantios eram de consórcios de milho e abóbora, milho e feijão, e pedaços para arroz. Na próxima safra aravam as terras para receber o plantio de inverno (trigo). Daí em diante plantavam milho, soja, ou consórcios de milho-soja, etc. Estas áreas eram utilizadas para várias safras e depois deixadas em pousios (de 4-10 anos), visando recompor a

fertilidade natural da área, via reciclagem natural de nutrientes (folhas caducas). Os solos desta região, embora ácidos, e em relevo predominantemente ondulado a acidentado, estavam assentado sobre uma matriz rica em reservas nutricionais (basalto). Isto permitia que no pousio, a capoeira e capoeirão fossem efetivos na recomposição, pelo menos parcial, da fertilidade, em que as raízes das plantas buscavam nutrientes nas reservas mais profundas (sub-solo: material em decomposição) e, pela decomposição das folhas na superfície. Por isto este modelo continuava a produzir satisfatoriamente sem uso de fertilizantes importados. A resteva das plantações ajudava recompor a fertilidade natural.

Apodrecia na superfície ou enterrada (na aração), transformando-se em matéria orgânica. Se queimadas, as cinzas, ricas em potássio e cálcio, nutriam as plantações.

Vários agricultores aplicavam o rodízio de culturas, devido as vantagens na produtividade e no controle de inços, pragas e doenças.

Os talhões para roças eram planejados com dimensão maior no sentido transversal à declividade, ajudando a reduzir perdas por processos erosivos. Neste sentido preferencialmente efetuavam as arações (tração animal: bois-de-canga) e as linhas de plantios. O preparo do solo podia ocorrer sem aração; queimado e plantado; carpido com a enxada e plantado. As sementes usadas para plantar originavam-se de seleções feitas pelo colono, a partir da safra anterior ou obtida de vizinhos. O ritual para obter semente de milho começava na própria lavoura, escolhendo, pelo ciclo da planta, épocas de plantios e colheitas, espigas melhor formadas, de pés sadios e com múltiplas espigas, com bandeiras e cabelos com as cores preferidas. Estas espigas eram re-selecionadas pelo tamanho e cor do sabugo; tamanho, massa, peso e cor dos grãos; aspectos sanitários. Para sementes, eliminavam-se os grãos de ambas as pontas. Debulhavam-se as sementes que eram guardadas em locais especiais, periodicamente inspecionadas. Para obtenção de material propagativo, ritual cuidadoso e criterioso era usada para todos os tipos de plantas. Pragas e doenças mantinham-se em níveis toleráveis. Não em todas as safras, mas em condições climáticas desfavoráveis, o trigo era mais sensível a doenças, o que reduzia a produtividade.

Não se usava fungicidas. Lá, já mais para o final da década de 1960, começava a ser introduzido milho híbrido, por efeito da propaganda. Um ano as lavouras deste milho exótico foram afetadas drasticamente por uma doença (ferrugem das folhas) reduzindo a sua produtividade, enquanto o milho de paiol mostrou-se tolerante à doença.

Exceto no sistema de produção de uvas e para o controle de formigas, os colonos não usavam comumente agrotóxicos. O controle de ervas daninhas era mecânico (enxada, arado), as doenças e pragas não eram combatidas ou então através de recursos locais (preparados caseiros, catações, fumaça). O parreiral sim, devido a doenças fúngicas, tinha que receber tratamento (pulverizações) com calda bordaleza (cal, sulfato de Cu, água) preparado pelo próprio agricultor. As formigas cortadeiras tinham que ser combatidas usando formicidas e, em ataque pouco intenso, aplicavam formas alternativas (água quente, fria; fumaça de borracha queimada introduzida no ninho por um fole). Ratos eram combatidos principalmente por gatos e cães e, eventualmente matados a tiro. Passarinhos que invadiam lavouras (sementes, grãos, frutas) eram afugentados por espantalhos e com o uso do bodoque. Pragas de grãos armazenados (carunchos, gorgulhos, traças) eram combatidas com re-

secagem ao sol e guardados em ambiente desinfetado, vedado e seco.

As sementes raramente eram tratadas com agrotóxicos (pó de gafanhoto) em ataques de carunchos. As ramas de mandioca (mudas), no inverno eram cobertas no mato ou enterradas. Cebola e alho eram trançados e, mais as batatinhas e batatas eram guardadas no porão escuro da casa.

A criação de abelhas (européias) oferecia mel e cera (consumo próprio e venda de excedentes) e auxiliava a polinização da florada das culturas (frutíferas), incrementando a produção. O peixe, pescado nos rios, auxiliava no suprimento protéico do regime alimentar da família, sendo uma opção de lazer aos domingos.

Considerando o contexto histórico, desde o início da colonização, o período analisado e os impactos nos tempos atuais decorrentes das formas de intervenção (Ex. Desmatamentos, Agrotóxicos, etc.) e relações socioambientais do homem repercutem em forma de um ambiente mais fragilizado, necessitando ações educativas, preventivas, corretivas e mitigadoras. Piran (2015) também alerta para os impactos ambientais, pois se quisermos uma vida melhor para todos é necessário tratar o ambiente natural com as novas sabedorias (adquiridas historicamente), seja para preservar, conservar ou recuperar.

Soja entre as lavouras dos colonos

A cultura de soja foi incorporada, nas décadas de 1950-60, entre as atividades dos colonos, e o trigo se retraía, por razões técnicas (doenças, produtividade) e comerciais (preços). A propaganda retratava um futuro promissor para a soja. Foram introduzidos plantios de soja forrageira para corte (alimentar suínos) e soja para obtenção de grãos à comercialização e para consumo local (cozinhar para porcos). Com a criação da cooperativa (Cotrel) o cultivo da soja disseminou-se entre os colonos (agricultura familiar, policultivo, consórcios) e entre os granjeiros (plantios maiores, monocultivos). A soja foi introduzida na agricultura colonial para formar consórcio com o milho (cultura principal). Instalou-se com sucesso. Vários formatos foram experimentados (covas com 3 a 6 plantas, de 50 em 50 cm em linha no corredor de 1,2 m de duas filas de milho; covas formando filas duplas a triplas entre filas duplas adensadas-50 cm de milho; várias filas de milho intercaladas com várias filas de soja; talhões maiores de soja e de milho, mas adjacentes; mais raramente talhões isolados de milho ou de soja). Os consorciados foram bem-sucedidos, conjugando a produtividade, controle natural de pragas, fixação biológica de nitrogênio nas raízes da soja.

Conclusões

O contexto, tipo de vida e os modelos agropecuários, descritos e adotados pelos colonos referidos, fornecem dados para importantes reflexões iluminadoras de caminhos alternativos condutores ao desenvolvimento sustentado, através de princípios agroecológicos. Pois a agricultura praticada por aqueles colonos, naquela época, proporciona, além dos registros históricos, proveitosos ensinamentos, inclusive de práticas agrícolas adequadas como inadequadas ecologicamente.

Referencias

- ALMEIDA, S. G. de. **Transição para a agroecologia: a experimentação social faz o caminho.** [online]. Rio de Janeiro, ENA, 2002. <http://www.encontroagroecologia.org.br/files/Apres_Silvio.rtf>. Acesso em: 07 fev. 2008.
- ALVES, F. D.; SILVEIRA, V. C. P. **As transformações capitalistas na agricultura e a questão agrária.** [online]. Santa Maria, UFSM, s/d. <http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1155347102_72.doc>. Acesso em: 07 fev. 2008.
- ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A.R. Agroecologia e agricultura familiar na região centro-sul do estado do Paraná. [online]. **Revista de Economia e Sociologia Rural.** Brasília, v. 43, n. 1, 2005.<<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 11 fev. 2008.
- BIANCHI, G. S. **Rural vivido e mediatizado - relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos hora do chimarrão e Brasil de norte a sul, por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin.** [online]. São Leopoldo, 2003. Dissertação (mestrado)-UNISINOS.<www.jornalismo.ufsc.br>. Acesso em: 11 fev. 2008.
- BORSATTO, R. S. **Agroecologia: um caminho multidimensional para o desenvolvimento agrário do litoral paranaense.** [online]. Curitiba, 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/8442>>. Acesso em: 08 fev. 2008.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. [online]. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v.12 n.1: 205-227, jan.-abr./2004. <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2008.
- CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. [online]. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 9. n.º 1: pp. 22-55. 2001. <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 08 fev. 2008.
- COSTA, R. A.; BEZZI, M. L. Transformações estruturais da agricultura e produtividade em áreas de impacto ambiental na microrregião geográfica de Frederico Westphalen – RS. [online]. **Revista Perspectivas.** v. 26, n. 95 Ciências Agrárias – set. 2002. <<http://www.uricer.edu.br/perspectiva/95.html>>. Acesso em: 11 fev. 2008.
- COTREL – Cooperativa Triticola Erechim LTDA. **Cotrel: história.** [online]. Erechim, Cotrel, 2008. <<http://www.cotrel.com.br/historia.htm>>. Acesso em: 11 fev.2008.
- DOS SANTOS CARON, M.; TEDESCO, J. C.. O Estado positivista no norte do RS: a questão da propriedade da terra e a fundação da colônia Erechim (1890/1910). **História Unisinos,** v. 16, n. 2, p. 220-231, 2012. <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/historia/article/view/htu.2012.162.05>>. Acesso em: 15 Ago. 2017
- HELVETIA. **Colônia Helvetia 2000-2002: história da Fundação.** [online]. <http://www.helvetia.org.br/his_fundacao.htm>. Acesso em: 11 fev.2008.

KOCZICESKI, S. L. **Sucessão na agricultura familiar: problemática social e desafios para a gestão pública em Paulo Bento/RS.** [online]. Erechim, 2007. Monografia (Conclusão de Curso) - Administração, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. <www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/0811815528.pdf>. Acesso em: 08 fev.2008.

MENASCHE, R.; SCHMITZ, L. C. **Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha.** [online]. Porto Alegre, UFRGS, s/d. <http://www6.ufrgs.br/pgdr/textos/menasche_09.pdf> e <<http://www.alasru.org/cdallasru2006>>. Acesso em: 11 fev. 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, 3. Ed.. São Paulo-Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 1994, 269 p.

NORDER, L. A. C. **Políticas de assentamento e localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil.** [online]. Wageningen Universitait, 2004. Tese (Doutorado)-Universidade de Wageningen. <<http://library.wur.nl/wda/dissertations/dis3577.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

OLIVEIRA, A. T. de; SIMÕES, A. G. Deslocamentos Populacionais no Brasil: uma análise dos Censos Demográficos de 1991 e 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, 2004, Caxambu - MG - Brasil. [online]. **Trabalhos apresentados...** Caxambu: ABEP, 2004. <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_83.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2008.

PICOLOTTO, E. L. **“Sem Medo de Ser Feliz na Agricultura Familiar”: o caso do movimento de agricultores em Constantina - RS.** [online]. Santa Maria, 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria. <<http://www.ufsm.br/extrural/dis2006PDF/Disserta%E7%E3o%20do%20Everton%20Lazzaretti.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2008.

PIRAN, N.. Contribuição à caracterização do Alto Uruguai(RS): Breve releitura e novos desafios. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 39, Especial 40 Anos, p. 53-64, setembro/2015. < http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/1004_504.pdf> Acesso em: 17 Ago 2017.

PRIGOL, C. S. **Tempos e espaços de produção de saberes de alunos da educação de Jovens e Adultos (EJA).** 2006 186f. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos , 2006. <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1907>> Acesso em: 17 Ago 2017 .

RADOMSKY, G. F. W. **Redes sociais de reciprocidade e de trabalho: as bases histórico-sociais do desenvolvimento na Serra Gaúcha.** [online]. Porto Alegre, 2006. 205 f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <<http://www.ecosol.org.br/txt/redesociais.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

RIO GRANDE DO SUL, Conselho Estadual de educação. Comissão de Ensino Fundamental. **Parecer nº 338/2007.** [online]. Porto Alegre, 2007. <http://www.ceed.rs.gov.br/ceed/dados/usr/html/pareceres/parecer_2007/pare_0338.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2008.

RUSZCZYK, J. C. **Agricultura familiar e de base ecológica, transições e estratégias de reprodução: redefinições e permanências nos olericultores de Rio Branco do Sul (PR).** [online]. Curitiba, UFPR, 2007. Tese(Doutorado) Universidade Federal do Paraná. <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/12360>>. Acesso em: 09 fev. 2008.

SCHMIDT, R. A. P. **Erechim: cidade construída para imigrantes: poder simbólico na conquista do espaço urbano.** Porto Alegre, 2009. 148 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. < <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2324/1/420024.pdf>>Acesso em: 17 Ago. 2017

SILVEIRA, M. R. **A importância geoeconômica das estradas de ferro no Brasil.** [online]. Presidente Prudente, Unesp, 2003. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista. <http://www.ourinhos.unesp.br/gedri/publica/teses/sil_01.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2008.

Recebido em: 03 de maio de 2017
Aceito em: 07 de setembro de 2017